



RUI PEREIRA

Faculdade de Letras / CELGA-ILTEC, Universidade de Coimbra
rui.pereira@uc.pt

PRODUÇÕES NEOLÓGICAS EM PORTUGUÊS LÍNGUA NÃO MATERNA

Resumo

Neste artigo discute-se a aplicabilidade dos termos ‘neologia’ e ‘neologismo’ na análise da produção lexical realizada por falantes não nativos de português. Com base na descrição das propriedades formais e semânticas das unidades lexicais atestadas em textos escritos de aprendentes italianos adultos de português como língua não materna (PLNM), apresentam-se algumas diferenças entre as construções neológicas que emergem neste contexto e as que são criadas por falantes de português língua materna.

Palavras-chave: Português; aquisição de L2; léxico bilingue; morfologia; neologismo

Abstract

This paper discusses the applicability of the terms ‘neology’ and ‘neologism’ to the analysis of lexical production by non-native speakers of Portuguese. Based on the description of the formal and semantic properties of the lexical units attested in written texts of adult Italian learners of Portuguese as a non-native language, we present some differences between the neological constructions that emerge in this context and those created by native speakers of Portuguese.

Keywords: Portuguese; L2 acquisition; bilingual lexicon; morphology; neologism

1. Introdução

A reflexão em torno da neologia tem vindo a ser amplamente desenvolvida há várias décadas¹. Posta a questão geralmente no âmbito da reflexão sobre a criação/renovação lexical em língua materna, tem-se usado

¹ Ver, entre outros, L. Guilbert, *La créativité lexicale*, Larousse, 1975; A. Rey, *Néologisme: un pseudo-concept?* in « Cahiers de Lexicologie », 28, 1976, pp. 3-17; I. M. Alves, *Neologismo: Criação Lexical*, Ática, 1990; I. M. Alves, *Neologia e níveis de análise linguística*, in A. N. Isquierdo, I. M. Alves (a cura di), *As ciências do léxico. Lexicologia, Lexicografia e Terminologia*, vol. 3, Editora da UFMG, Humanitas, 2007, pp. 77-91; M. Correia, *Neologia e Terminologia*, in *Terminologia: questões teóricas, métodos e projectos*, Europa-América, 1998, pp. 59-74; M. Correia, G. M. B. A. Almeida, *Neologia em português*, Parábola, 2012; M. Correia, L. S. P. Lemos, *Inovação lexical em português*, Colibri / APP, 2005; M. T. Cabré, *La clasificación de neologismos: una tarea compleja*, in « Alfa », 50/2, 2006, pp. 229-250; M. T. Cabré, *Une théorie multidimensionnelle des néologismes*, in « Neologica », 15, 2021, pp. 25-42; M. T. Cabré, O. Domènech-Bagaria, I. Solivellas, *La classification des néologismes. Révision critique et proposition d'une typologie multivariée et fonctionnelle*, in « Neologica », 15, 2021, pp. 43-62; J.-F. Sablayrolles, *Comprendre la néologie. Conceptions, analyses, emplois*, Lambert Lucas, 2019.

o termo *neologismo* para designar uma unidade lexical cujo significante ou cujo pareamento forma-função não existia na sincronia anterior de uma dada língua. A classificação como *neologismo* decorre, pois, de uma avaliação sobre a novidade/integração de uma palavra numa língua específica, podendo esse aspeto inovador manifestar-se de modos diversos em função da(s) propriedade(s) da palavra que é/são afetada(s): (i) há novidade formal, quando uma palavra apresenta uma forma nova, isto é, não atestada no estágio anterior da língua (*video-arbitro*, *covidário*, *spoilar*); (ii) novidade (morfo)sintática, quando se verifica uma alteração da classe gramatical de uma palavra já existente ou das suas propriedades morfo-sintáticas ou argumentais (*negacionista* usado como nome: *os negacionistas*; *o óculo* por *os óculos*); (iii) novidade semântico-pragmática, quando uma palavra é usada numa nova aceção ou num contexto diferente (por exemplo, o uso de *viral* no contexto da difusão na internet)².

Embora em termos teóricos a noção seja clara e mais ou menos consensual entre os investigadores, identificar e classificar os neologismos é uma tarefa nem sempre fácil, estando muitas vezes dependente de contingências e de opções metodológicas³. Segundo Alan Rey⁴, é o sentimento neológico que caracteriza sociolinguisticamente o neologismo. Ora, esse tipo de avaliação varia de falante para falante, pondo em causa a fiabilidade deste critério puramente intuitivo. Atualmente, assume-se que a identificação de um neologismo deve decorrer do uso conjugado de vários critérios: a sensação psicológica de novidade, mas também o critério lexicográfico e o critério documental⁵. Assim, na linha de Antunes⁶, assumiremos que

um neologismo é uma unidade lexical nova em relação à época em que surge e ao estágio imediatamente anterior da língua, que não se encontra dicionarizada, é sentida como nova pelos falantes, que pode apresentar sinais de instabilidade formal e que não figura, ou figura raramente, nos corpora textuais de referência.

² Cfr. M. T. Cabré, *La clasificación de neologismos...*, cit., pp. 232-233; M. Correia, *op. cit.*, p. 61.

³ Cfr. M. T. Cabré, O. Domènech-Bagaria, I. Solivellas, *op. cit.*

⁴ A. Rey, *op. cit.*

⁵ Cfr. M. T. Cabré, R. Estopà, *Les paraules noves. Criteris per detectar i mesurar els neologismes*, Eumo Editorial / Universitat Pompeu Fabra, 2009; M. Antunes, *Neologia de imprensa do português*, Diss. doutoramento, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, 2012.

⁶ M. Antunes, *op. cit.*, p. 59.

Como tem sido destacado na literatura sobre o assunto, a criação neológica cumpre essencialmente duas funções: (i) uma função denominativa, isto é, a nomeação de realidades (entidades, conceitos) anteriormente inexistentes; e (ii) uma função estilística, quando se procura exprimir de modo inédito uma ideia ou uma certa visão do mundo⁷. Seja qual for o objetivo visado, a criação neológica não pode ser dissociada do discurso do seu criador, um indivíduo integrado numa comunidade de fala específica, que se exprime numa determinada situação com a intenção, assumida ou não, de enriquecer o repertório lexical dessa língua.

No momento da sua produção, a palavra inscreve-se no léxico mental do seu criador e do(s) interlocutor(es) a quem o enunciado é dirigido. No entanto, o seu carácter neológico é efémero. Em função de diversos fatores, como a rapidez da sua difusão e receção na comunidade de falantes, o neologismo pode confirmar a sua relevância na língua, levando à sua integração nos dicionários. O registo de um neologismo num dicionário reflete, em certa medida, a atenuação, ou até a anulação, do carácter neológico de uma palavra. Outros, não tendo o mesmo sucesso, rapidamente caem no esquecimento.

Tal como acontece na investigação sobre a língua materna, vários são os problemas que se colocam ao investigador no momento de identificar e classificar algumas produções lexicais dos falantes não nativos. É que entre as palavras tomadas de empréstimo de outras línguas (de matriz externa ou alogénica) e as palavras construídas com base em recursos morfolexicais existentes na língua-alvo segundo modelos ou esquemas de construção consciente ou inconscientemente apreendidos pelos falantes não nativos existe um *continuum* de construções lexicais de fronteiras fluidas. Por outro lado, algumas destas construções morfolexicais não suscitam no falante de português como língua não materna (PLNM) e no interlocutor nativo uma idêntica sensação de novidade.

Neste artigo propomo-nos centrar a reflexão em torno da produção lexical realizada por aprendentes de PLNM. Após a análise dos fatores que estão subjacentes à produção lexical em L2⁸ e a descrição das construções lexicais atestadas em textos escritos por aprendentes italianos

⁷ M. Correia, L. S. P. Lemos, *op. cit.*, p. 13.

⁸ Ao longo deste artigo usaremos L2 para designar uma língua não materna, independentemente de ser apreendida como língua estrangeira, língua segunda ou língua adicional.

adultos de PLNM, identificam-se alguns aspetos que distinguem a produção neológica de falantes nativos e não nativos em português.

2. Produção lexical em L2

Num mundo cada vez mais multicultural e multilingue, aprender línguas é um facto comum. O falante individual é, pois, o *locus* do contato de línguas diferentes, sendo esta situação potenciadora da ocorrência de fenómenos de empréstimo, transferência ou interferência linguística, que ora se sobrepõem ora se interseccionam, e que se manifestam na produção de formas desviantes dos padrões da língua-alvo em uso numa determinada situação. Como alerta André Martinet, «[i]t is not enough to point out that each individual is a battlefield for conflicting linguistic types and habits, and, at same time, a permanent source of linguistic interference»⁹. De facto, os recentes modelos de representação do léxico mental bilingue (ou multilingue) revelam como são complexos os modos como os diferentes sistemas linguísticos adquiridos por um indivíduo interagem na sua mente (cfr. *Revised Hierarchical Model* (RHM)¹⁰ e suas posteriores revisões¹¹; *Bilingual Interactive Activation model* (BIA)¹² e (BIA+))¹³.

Ninguém espera que desde as fases iniciais da aquisição da língua materna a criança produza apenas formas gramaticais, corretas ou não-desviantes. Quando produz estruturas não conformes com a gramática da língua, não olhamos para essas ocorrências como erros, mas

⁹ A. Martinet, *Preface*, in U. Weinreich, *Languages in contact, findings and problems*, 9th ed., Mouton Publishers, 1979, p. vii.

¹⁰ Cfr. J. Kroll, E. Stewart, *Category Interference in Translation and Picture Naming: Evidence for Asymmetric Connections Between Bilingual Memory Representations*, in «*Journal of Memory and Language*», 33, 1994/2, pp. 149-174.

¹¹ Cfr. J. Kroll, J. van Hell, N. Tokowicz, D. Green, *The Revised Hierarchical Model: A critical review and assessment*, in «*Biling (Camb Engl)*», 13, 2010/3, pp. 373-381; J. van Hell, J. Kroll, *Using electrophysiological measures to track the mapping of words to concepts in the bilingual brain: A focus on translation*, in J. Altarriba, J. Isurin (a cura di), *Memory, language, and bilingualism: Theoretical and applied approaches*, Cambridge University Press, 2012, pp. 126-160.

¹² Cfr. T. Dijkstra, W. J. B. van Heuven, *The BIA model and bilingual word recognition*, in J. Grainger, A. M. Jacobs (a cura di), *Localist connectionist approaches to human cognition*, Lawrence Erlbaum Associates, 1998, pp. 189-225; *The architecture of the bilingual word recognition system: From identification to decision*, in «*Bilingualism: Language and Cognition*», 5, 2002/3, pp. 175-197.

¹³ Cfr. J. Grainger, K. Midgley, P. J. Holcomb, *Re-thinking the bilingual interactive-activation model from a developmental perspective (BIA-d)*, in «*Language acquisition across linguistic and cognitive systems*», 52, 2010, pp. 267-283.

antes como formas normais de comunicação infantil que fornecem evidências do estado do seu desenvolvimento linguístico nesse momento. Ora, Corder¹⁴ defende que devemos tomar a mesma atitude perante as produções linguísticas de aprendentes de uma língua segunda. Essas ocorrências, tanto as convergentes com a nova língua que está adquirir como as divergentes, fornecem importantes evidências sobre o desenvolvimento linguístico do indivíduo num determinado momento. Em qualquer dos momentos do processo de aquisição/aprendizagem, o falante está a usar um sistema de língua instável, que não é o da sua língua materna (LM ou L1) nem exatamente o da língua-alvo (LA). Segundo este autor, os erros destes falantes, quando sistemáticos, são uma evidência deste sistema, a que dá o nome de «transitional competence», mas que se veio a instalar na literatura sob a designação de *interlíngua*¹⁵.

Para dar conta das construções desviantes dos falantes não nativos, os investigadores têm recorrido aos conceitos de *transferência* (nestes casos, negativa), *interferência* e *empréstimo*¹⁶. Neste trabalho tomar-se-á o termo *transferência* na aceção que lhe dão Gass e Selinker: «language transfer is the use of native language (or other language) knowledge – in some as yet unclear way – in the acquisition of a second (or additional) language»¹⁷.

Vários estudos têm vindo a comprovar que os falantes não nativos empregam muitas vezes características da sua L1 ou de uma L2 previamente adquirida (doravante designadas como ‘língua-fonte’ – LF) para compensar a sua proficiência limitada numa determinada língua-alvo¹⁸. Tomemos como referência a aquisição do português por apren-

¹⁴ P. Corder, *The Significance of Learners' Errors*, in «International Review of Applied Linguistics in Language Teaching», 5, 1967, pp. 161-170.

¹⁵ L. Selinker, *Interlanguage*, in «International Review of Applied Linguistics», 10, 1972, pp. 209-231.

¹⁶ Cfr. E. Haugen, *The analysis of linguistic borrowing*, in «Language», 26, 1950/2, pp. 210-231; U. Weinreich, *Languages in contact, findings and problems*, 9.ª ed., Mouton Publishers, 1979; D. Winford, *Contact-induced changes – Classification and processes*, in «Diachronica», 22, 2005, pp. 373-427.

¹⁷ S. Gass, L. Selinker, *Language Transfer in Language Learning* (revised edition), John Benjamins, 1993, p. 234.

¹⁸ Cfr. I. Leiria, *Léxico, aquisição e ensino*, Fundação Calouste Gulbenkian/FCT, 2006; W. Nemser, *Language Contact and Foreign Language Acquisition*, in V. Ivir, D. Kalagjera (dir.), *Languages in Contact and Contrast: Essays in contact linguistics*, Mouton de Gruyter, 1991, pp. 345-364; R. Pereira, *O uso de esquemas de construção de palavras por aprendentes chineses de PLN*, in «Orientes do Português», 3, 2021, pp. 9-36.

dentes que têm o italiano como sua língua materna. A análise das palavras atestadas num *corpus* de textos escritos por aprendentes italianos adultos de PLNM, recolhidos ao longo do 2.º semestre de 2021-2022, quando se encontravam em Coimbra a frequentar na FLUC a disciplina de Língua Portuguesa III (nível B1) ao abrigo do programa Erasmus, permitiu observar que a transposição de conhecimento de outras línguas na produção de unidades lexicais¹⁹ em português pode realizar-se de diferentes formas:

- (i) a transferência total da construção de uma LF, ou seja, do pareamento forma-função, para a LA (e.g. “paragone”, “encantesimo”, “corajo”, “routine”);
- (ii) a transferência parcial da forma da LF (e.g. “incrédível” ~ it. *incredibile*; “sostenibilidade” ~ it. *sostenibilità*);
- (iii) a transferência do esquema de construção da palavra da LF, com a substituição dos constituintes morfolexicais dessa língua pelos supostamente equivalentes na LA (e.g. “sonador” ~ it. *suonatore*; “conhecencia” ~ it. *conoscenza*);
- (iv) a transferência do significado da LF para a LA, em situações em que as línguas em contacto têm palavras com significantes cognatos (e.g. “ambientação” (it. *ambientazione*) por ‘cenário’; “arquitetura” (it. *architettura*) para designar ‘monumento’; “suportar” (it. *supportare*) com o sentido de ‘apoiar’);
- (v) construções lexicais produzidas apenas com constituintes morfolexicais da LA, o português (e.g. “conimbrões”, resultante do cruzamento vocabular de *conimbr*[icenses] + [coim]*brões*), nas quais não é perceptível qualquer processo de transferência).

3. Classificação das ocorrências desviantes no plano lexical

Dois termos têm sido habitualmente convocados para a categorização dos desvios lexicais dos falantes de L2: *empréstimo* e *neologismo*.

Na análise das produções lexicais dos falantes não nativos, Haugen²⁰ distingue as *creations* (criações lexicais) dos *loans* (empréstimos),

¹⁹ A reflexão não levou em consideração os desvios que dizem respeito ao domínio da flexão ou ao domínio supralexical.

²⁰ E. Haugen, *op. cit.*

sendo estes subdivididos em três categorias em função da extensão da substituição morfémica operada na transferência da LF para a LA: (i) *loanwords* (estrangeirismos ou empréstimos), quando a transferência não envolve qualquer substituição morfémica, ainda que possa haver algum tipo de substituição fonémica (e.g. ing. americano “shivaree”, do fr. *charivari*); (ii) *loanblends* (construções interlinguísticas ou híbridas), em que se verifica a substituição morfémica de constituintes da LF por constituintes da LA (e.g. pt. americano “alvachus”, “alvarozes”, do ing. *overshoes*, *overalls*); (iii) *loanshifts* (tradução de empréstimos ou empréstimos semânticos), em que o falante realiza a substituição total dos constituintes morfolexicais da palavra da LF, sendo o significado o único vestígio do processo de transferência (e.g., fr. *presqu’île*, do lat. *paeninsula*; pt. *arranha-céus*, fr. *gratte-ciel*, esp. *rascacielos*, do ing. *skyscraper*).

Para além de não dar conta da totalidade de desvios lexicais produzidos pelos falantes de L2, o termo *empréstimo* foca sobretudo a estratégia de transferência linguística que está na origem das ocorrências desviantes. O uso do termo *neologismo*, por sua vez, justifica-se quando o foco é colocado não no processo de transferência que subjaz ao desvio lexical, mas no resultado desse processo, no produto lexical usado pelo falante de L2, e se avalia a sua novidade e grau integração na língua-alvo. Um item é percebido como neologismo, por exemplo, quando, numa situação de uso do português, um falante nativo (um investigador ou um professor, por exemplo) analisa uma palavra produzida por um falante não nativo e verifica que ela não faz parte do seu léxico mental nem do acervo lexical partilhado pela comunidade de falantes em que se insere. O falante não nativo que a produz não tem necessariamente a mesma percepção. Por não possuir um conhecimento ideal do léxico da L2 que está a usar, o mesmo item lexical é apenas uma palavra que ele supõe que existe na língua-alvo. O carácter neológico desses constructos verbais não é, pois, geralmente intencional, mas advém do facto de o raciocínio do falante de L2 assentar em (falsas) hipóteses que não correspondem ao que está efetivamente institucionalizado na língua-alvo.

Perspetivadas a partir da língua-alvo (ou língua de chegada), certas produções dos falantes não nativos são frequentemente analisadas como ‘desvios’, ou mesmo ‘erros’, por não se conformarem com os padrões existentes nessa língua, sobretudo quando avaliadas em contexto didático. Quer resultem de uma transferência total ou parcial de itens

da LF, tais produções exibem um aspeto de novidade para o interlocutor nativo. Não estranha, pois, que alguns investigadores classifiquem essas palavras como neologismos, pois trata-se efetivamente de formas novas ou de pareamentos de forma-função novos na língua-alvo. Por exemplo, Isabel Leiria²¹ considera que o facto de, num determinado contexto, o aprendiz de L2 não ter disponível um item no seu léxico mental pode levar à produção de diferentes tipos de desvios lexicais, que a autora subdivide em: (i) empréstimos da L1 ou de uma L2 previamente adquirida (e.g. *divertente* e *punto* usados por aprendentes italianos); (ii) neologismos a partir de empréstimos, quando um item de uma LF é alvo de uma modificação formal para se acomodar aos padrões da LA, podendo os neologismos ser construídos com base em itens da L1 (e.g. *cidade*, *gerações*, *saludavel*, *voluntade*, em textos de aprendentes espanhóis) ou de uma L2 que faça parte do seu conhecimento linguístico prévio (e.g. *suportadores* por ‘apoadores’, e *governmento* por ‘governo’, produzidos por aprendentes alemães como base em itens do inglês); (iii) neologismos formais, ou seja, criados com base em esquemas construcionais e em unidades morfolexicais da LA (e.g. *maiorar*, no sentido de ‘aumentar’, atestado num texto de um aprendiz chinês; *respostar* e *traduçar*, por um aprendiz sueco); (iv) combinatórias aproximadas, em virtude do desconhecimento ou do conhecimento parcial de combinatórias frequentes e cristalizadas da LA (e.g. *loja de ecologia* por ‘loja de produtos dietéticos’, *anjo de protecção* por ‘anjo da guarda’).

Note-se, porém, que não há consenso entre os investigadores quanto aos princípios e conceitos a adotar na avaliação da inovação lexical, nomeadamente no que concerne aos empréstimos que sofrem algum tipo de acomodação aos padrões temáticos e flexionais da língua-alvo. Ao classificar como “neologismos a partir de empréstimos” itens como *cidade*, *gerações*, *suportadores*, Leiria²² afasta-se das propostas que os tratam simplesmente como “empréstimos”, tendo em L2²³ como em L1²⁴. Na análise do português enquanto língua materna, Villalva

²¹ I. Leiria, *op. cit.*

²² *Ibidem.*

²³ Cfr. E. Haugen, *op. cit.*; D. Winford, *op. cit.*

²⁴ Cfr. M. Vilela, *Estudos de lexicologia do português*, Coimbra, Livraria Almedina, 1994; A. Villalva, J. P. Silvestre, *Introdução ao estudo do léxico: descrição e análise do Português*, Vozes, 2014.

e Silvestre²⁵ distinguem o “empréstimo” propriamente dito, quando a palavra estrangeira apresenta já algum grau de integração no vocabulário nativo (e.g. *behaviorismo*, *uísque*, *dossiê*), do “estrangueirismo”, quando a palavra apresenta (ainda) diversos graus de incompatibilidades fonológico-grafemáticas em relação aos padrões da língua de chegada (e.g. *big-bang*, *best-seller*, *bluff*). Importa, pois, clarificar a relevância da formatação temática e da morfologia flexional na classificação dos neologismos em L2.

4. Tipologia de neologismos em PLNM

Identificar e classificar como neologismos algumas produções de falantes não nativos obriga, tal como na análise da língua materna, os investigadores a refletir sobre os critérios de incorporação, os procedimentos a adotar, nomeadamente o recurso a um *corpus* de exclusão²⁶. Exige, pois, uma reflexão aprofundada sobre os objetos a coletar e alguma cautela no uso do termo “neologismo” em alguns casos.

As construções lexicais desviantes, e como tal inovadoras, usadas por falantes não nativos no contexto de aquisição/aprendizagem do português como língua não materna (PLNM) podem ser percebidas pelo interlocutor nativo como:

- a) Neologismos alogénicos (empréstimos);
- b) Neologismos interlinguísticos;
- c) Neologismos semânticos;
- d) Neologismos autogénicos (intralinguísticos).

Para exemplificar estes diferentes tipos de construções, usaremos palavras atestadas no já referido *corpus* de textos escritos por aprendentes italianos adultos de PLNM em aulas de Língua Portuguesa III – Erasmus.

Os **neologismos alogénicos** são comuns nos textos escritos por este grupo de aprendentes italianos de PLNM. São exemplo disso o uso de “paragone” por *comparação*, “encantesimo” por *encantamento*, ou “personalmente” por *pessoalmente*. Trata-se de uma categoria de neologis-

²⁵ A. Villalva, J. P. Silvestre, *op. cit.*, pp. 36-57.

²⁶ Cfr. J.-F. Sablayrolles, *op. cit.*; M.T. Cabré, O. Domènech-Bagaria, I. Solivellas, *op. cit.*

mos que se caracteriza por evidenciar uma forma coincidente com a língua-fonte, o italiano, mas não com a língua-alvo, o português.

Há, no entanto, algumas palavras, como “amistade”, “artigianais”, “creaturas” ou “pelegrinos”, que suscitam algumas dúvidas quanto à sua classificação: trata-se de neologismos alogénicos ou serão construções interlinguísticas? Se tomarmos como unidade de análise a palavra morfossintática, ou seja, a palavra flexionada, estaremos perante neologismos interlinguísticos, uma vez que a sua estrutura morfológica inclui uma unidade lexical de origem espanhola (*amistad*) ou italiana (*artigianale*, *creatura*, *pellegrino*), seguida de um índice temático (-e), no primeiro caso, e de um sufixo flexional do português, o sufixo -s de plural, nos restantes. Todavia, se nos situarmos apenas no plano lexémico, ou seja, tomando a unidade lexical abstrata sem as variações formais decorrentes dos mecanismos de flexão, estamos perante empréstimos, alguns dos quais sujeitos a ligeiras adaptações formais, como a adição da vogal de tema (“amistade”: esp. *amistad*) ou a simplificação de consoantes duplas (“pelegrino”: it. *pellegrino*)²⁷. A distinção entre estrangeirismos e empréstimos poderá ser útil nestes casos.

São igualmente frequentes no contexto da aquisição de PLNМ as construções neológicas, muitas delas morfológicamente complexas, de natureza **interlinguística**. Resultam da confluência de informação morfolexical (bases e afixos) de duas línguas, uma LF e a LA: “experiência” (it. *esperienza*) por *experiência*; “incrédível” (it. *incredibile*) por *incrível*; “sonador” (it. *suonatore*) por *tocador*; “sostenibilidade” (it. *sostenibilità*) por *sustentabilidade*.

Tanto nos neologismos alogénicos como nos interlinguísticos, a divergência formal em relação à palavra portuguesa institucionalizada pode ocorrer ao nível (i) da base derivacional (e.g. “inseñamentos” ~ pt. *ensinamentos*; “azerada” ~ pt. *anulada*; “angosciante” ~ pt. *angustiante*; “personalmente” ~ pt. *pessoalmente*), (ii) do afixo ativado (cf. “solidal” ~ pt. *solidário*; “conflictuais” ~ pt. *conflituosas*; “conhecencias” ~ pt. *conhecimentos*) ou (iii) do mecanismo derivacional instanciado, afixal ou

²⁷ Sobre a dificuldade de classificação dos “empréstimos adaptados”, veja-se, por exemplo, M. Correia, *A neologia do português de Portugal - alguns dados e tópicos para reflexão*, in I. M. Alves, E. S. Pereira (dir.), *Neologia das Línguas Românicas*, Humanitas, 2015, pp. 471-484.

não afixal (e.g. “discrimina” ~ pt. *discriminação*; “combatimentos” ~ pt. *combates*).

Encontram-se ainda atestadas construções neológicas do tipo c), os **neologismos semânticos**, que associam uma forma coincidente com a LA a um significado da LF, geralmente a língua materna do aprendente. Alguns estudantes italianos de nível B1 usam, por exemplo, “ambientação” para designar *cenário* em português, “arquiteturas” no sentido de *monumentos*, “suportar” por *apoiar*, “maioridade” com o significado de *maioria*. Em alguns casos, a palavra apresenta ligeiras divergências ortográficas em relação à forma da LA, como em “prejuços”, solução encontrada por um aprendente italiano para expressar o significado ‘preconceitos’ (cf. 1).

(1) [...] com forte prejuços racistas

Dependendo do maior ou menor grau de conexão entre o significado alogénico e o significado institucionalizado da palavra em português, os neologismos semânticos podem ser apreendidos e interpretados como extensões semânticas do significado da palavra em português ou como homónimos de itens pré-existentes.

A categoria menos atestada é a dos **neologismos intralinguísticos**. No *corpus* coligido, apenas o vocábulo “conimbrões”, produzido por um único informante, se enquadra nesta categoria de neologismos.

(2) Os estudantes conimbrões [...]

Trata-se, de facto, de uma construção neológica produzida sem recurso a elementos transferidos da L1 ou de uma outra L2 conhecida do aprendente. A palavra “conimbrões” resulta do cruzamento vocabular de dois itens que faziam parte do *input* a que o aprendente tinha acedido em aulas anteriores (conimbr[icenses] + [coim]brão), duas palavras que designam alguém ou algo ‘que é relativo ou pertencente a Coimbra’. Comprova-se, assim, que, quando estão em causa palavras morfologicamente complexas, os itens podem ser acedidos tanto de uma forma holística como de forma composicional.

A classificação de algumas palavras produzidas por aprendentes italianos de PLNM em textos escritos não é isenta de desafios. Por exemplo, em alguns casos, a estrutura interna da palavra não é a esperável

na sincronia atual ou na variedade linguística usada pela comunidade de falantes, ainda que tais construções possam estar dicionarizadas (cf. 3). Todavia, por serem instâncias de esquemas de construção atestados na língua-alvo, estas construções lexicais são decodificadas com relativa facilidade pelo interlocutor nativo.

(3) “absurridade” (por *absurdo*), “combatimentos” (por *combates*), “turbamento” (por *perturbação*)

Como Graça Rio-Torto²⁸ assinala, também em contexto de língua materna é possível encontrar, ao lado de uma forma mais canónica, instanciadora de um determinado esquema construcional, uma outra, ou outras, construída(s) com base num esquema até então menos/não utilizado em português.

- (4) a. *arrumante*, por *arrumador*
b. *limpante*, por *limpador*
c. *emigrador*, por *emigrante*
d. *comerciadador*, por *comerciante*

O facto de em português ser possível formar palavras de uma mesma classe semântica através de esquemas construcionais diferentes pode autorizar a ocorrência de produtos isofuncionais, ainda que com diferentes graus de uso e de divulgação no âmbito do Português Europeu contemporâneo (PEC)²⁹. Acrescente-se ainda que as diferentes variedades nacionais da língua portuguesa selecionam, por vezes, diferentes opções construcionais. Tome-se, por exemplo, a construção de adjetivos gentílicos no Português Europeu (PE) e no Português Brasileiro (PB).

- (5) a. *canadiano* (PE), *canadense* (PB)
b. *israelita* (PE), *israelense* (PB)
c. *polaco* (PE), *polonês* (PB)
d. *palestiniano* (PE), *palestino* (PB)

²⁸ G. Rio-Torto, *Caminhos de renovação lexical: fronteiras do possível*, in A. N. Isquendo & I. M. Alves (a cura di), *As ciências do léxico. Lexicologia, Lexicografia e Terminologia*, vol. 3, Editora da UFMG, Humanitas, 2007, pp. 23-39.

²⁹ *Ibidem*.

Noutros casos, é o significado instanciado no texto do aprendente não nativo que não se conforma com o que é esperável pela comunidade linguística numa dada situação (cf. 6).

(6) A relação entre o autor e autista é complicada [...]

Embora a aceção ‘motorista’ esteja atestada na entrada da palavra *autista* em alguns dicionários do português, não é expectável a associação desse sentido à palavra no PEC, tanto mais que é rotulado como «pouco usado»³⁰ e «antiquado»³¹. Um inquérito com respostas elicitadas aplicado a estudantes universitários adultos que tinham o português como língua materna³² permitiu concluir que, perante o enunciado (6), a palavra “autista” é associada aos seguintes semantismos: ‘relativo ao autismo’ (64 %) ou ‘pessoa que manifesta alterações associadas ao autismo’ (79 %), ‘que pensa em si próprio, egoísta’ (7 %). De notar que nenhum informante associou “autista” a ‘motorista’ ou a ‘condutor de automóvel’. Justifica-se, pois, a observação que Isabel Leiria³³ faz a este propósito:

O desafio, para o falante [não nativo], não é ser original (essa possibilidade fica reservada aos escritores de alguns poucos géneros literários), mas sim conformar-se o mais possível com o que é esperável numa dada situação. [destaque nosso]

Partilhamos com esta investigadora também a ideia de que há uma zona de desvio, e de novidade, que o falante nativo pode perceber no discurso de um não nativo mesmo quando a gramática da palavra não é violada. A ocorrência de uma construção lexical ou de um pareamento forma-função que não é o esperado numa dada situação

pode levar o professor a devolver a um dos seus alunos um texto escrito sem marcas de correção, mas acompanhado de outro, re-

³⁰ *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa*, <https://dicionario.priberam.org> [consultado em 30-06-2022].

³¹ *Dicionário Infopédia da Língua Portuguesa*, <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa> [consultado em 30-06-2022].

³² O inquérito em *google forms* foi aplicado a 14 alunos dos cursos de Português e de Línguas Modernas da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra que, no 1.º semestre de 2022-2023, frequentavam a disciplina de Morfologia do Português.

³³ I. Leiria, *op. cit.*, p. 3.

digido pelo professor, e precedido da seguinte observação: 'A sua composição não tem erros mas eu diria assim: ...'³⁴.

Várias propriedades distinguem, portanto, as construções neológicas atestadas em L2 das produzidas em L1. Em primeiro lugar, no estudo realizado a partir das produções escritas de aprendentes italianos adultos de PLNM, a criação neológica visa essencialmente responder a necessidades denominativas – não estilísticas, portanto –, suprimindo geralmente para suprir as falhas do léxico do falante em L2. Em segundo lugar, tanto os neologismos alogénicos como os interlinguísticos e os semânticos são produzidos por agentividade da língua-fonte, geralmente a L1 do aprendente, e não sob agentividade da língua de chegada, como acontece em língua materna. Em terceiro lugar, os neologismos atestados nos textos escritos por aprendentes italianos não raro violam as fronteiras do possível e aceitável no plano da construção de palavras em português (e.g. “inhabitantes”, “departamento”, “inevitabilmente”), o que apenas acontece em língua materna em circunstâncias muito especiais (nos estrangeirismos, por motivos lúdicos ou na publicidade, por exemplo). Por último, enquanto em contexto de língua materna os neologismos são vistos como factos normais da dinâmica e da evolução da língua, em L2 são avaliados como ‘desvios’ ou ‘erros’ que devem ser evitados para que o falante se aproxime dos padrões usados pelos falantes nativos. Têm estes, por isso, uma ínfima possibilidade de difusão e de serem acolhidos pela comunidade de falantes da língua-alvo.

Em suma, muitas construções neológicas encontradas nos textos escritos por aprendentes italianos de PLNM ou ficam nas margens do morfologicamente possível ou, em virtude do seu carácter inesperado a nível formal ou semântico-pragmático, ficam desterradas nas margens do comunitariamente convencionalizado. Muitas delas são vocábulos com uma única ocorrência, estando atestadas num único texto de um único informante, produzido num contexto específico. É, pois, expectável que essas produções neológicas nunca ultrapassem o estatuto de *hápax legómenon*, ou seja, uma singularidade lexical registada somente uma vez no seio da língua.

³⁴ *Ibidem*.

Conclusão

Seja em L1, seja no contexto de aquisição de uma L2, o neologismo (escrito ou oral) é um objeto multidimensional, devendo ser definido não só pela sua dimensão linguística, mas também pela sua dimensão sociocultural, situacional e textual. No contexto de aquisição de uma L2, o falante não nativo, por possuir um léxico deficitário na língua-alvo, expressa alguns significados do forma como o faz na sua língua materna ou noutra língua previamente adquirida; outras vezes, reproduz padrões de expressão que supõe existirem na língua-alvo. Se, em alguns casos, as unidades lexicais produzidas estabelecem um pareamento forma-função coincidente com o da LA, outras vezes isso não acontece ou acontece apenas de forma parcial. Por conseguinte, aos olhos do falante nativo, alguns desses construtos lexicais exibem um aspeto de novidade formal e/ou semântico-pragmática que justifica a sua inclusão na classe dos ‘neologismos’.

A distinção entre as várias classes de unidades neológicas produzidas em PLNM nem sempre é fácil e isenta de dúvidas, situando-se num *continuum* que vai do tipicamente alogénico ao tipicamente autogénico. Especialmente quando estão em causa línguas muito próximas, como o português e o italiano, por exemplo, que partilham muitas palavras cognatas, são ténues as fronteiras entre empréstimo e erro ortográfico, entre padrões de construção endógenos e exógenos, e frequentes as interseções entre eles. De facto, a comunicação internacional possibilita um intercâmbio linguístico constante e profundo levando a que a estrutura lexical das línguas europeias, e principalmente a das línguas românicas, apresente múltiplos pontos de convergência. Para além disso, quando estão em causa línguas tipologicamente próximas, não parecem ser muito diferentes os mecanismos de enriquecimento do léxico na L1 e na L2. A grande diferença reside no facto de o conhecimento lexical do falante de L2 incluir elementos da língua-alvo, mas também da sua língua materna e, eventualmente, de outra(s) língua(s) previamente adquirida(s), que não raro competem entre si no plano da expressão.

